

“Seus corpos já nos pertencem¹”:

sonoridade, materialidade e performance em representações midiáticas do BOPE



Júlia Silveira de Araújo²

Resumo

A partir da perspectiva da materialidade da comunicação e da percepção do corpo como mediador na expressão identitária, analisa-se a importância da sonoridade na construção de um *ethos* guerreiro dos policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) do Rio de Janeiro. Busca-se compreender como este processo, forjado na disciplina corporal, ocorre de maneira performática e atua na incorporação de valores como o controle do medo, o cumprimento de missões e a vitória sobre a morte.

Palavras-chave: Sonoridade; performance; BOPE; representações midiáticas.

Résumen

Desde la perspectiva de la materialidad de la comunicación y de la percepción del cuerpo como mediador en la expresión de la identidad, se analiza la importancia de la sonoridad en la construcción de un *ethos* guerrero de los policías del Batallón de Operaciones Especiales (BOPE) del Rio de Janeiro. Se busca comprender como este proceso, basado en la disciplina del cuerpo, ocurre de manera performática y actúa en la incorporación de valores como el control del miedo, el cumplimiento de las misiones e la victoria sobre la muerte.

Palabras claves: Sonoridad; performance; BOPE; representaciones mediáticas.

Abstract

From the perspective of the communication materiality and the perception of the body as a mediator of identity expression, we analyze the importance of sonority to the construction of a warrior *ethos* in officers of Special Operations Police Battalion (BOPE) of Rio de Janeiro. We will try to understand how this wrought process, carved

¹ Frase do filme Tropa de Elite (Produção de José Padilha e Marcos Prado. Rio de Janeiro: Universal Pictures do Brasil, 2007) em cena do curso de seleção para o Batalhão.

² Doutoranda e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: juliasilveira.araujo@gmail.com

by body discipline, influences these men's performance and acts in the incorporation of values such as the control of fear, accomplishment of missions as well as the victory over death.

Keywords: Sonority; performance; BOPE; media representations.

Introdução

Através da perspectiva da materialidade da comunicação, a presente pesquisa analisa representações midiáticas do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), tendo como foco a importância da sonoridade nos processos de construção e afirmação de um *ethos* guerreiro, pautado pela disciplina corporal, pela violência e por uma rígida hierarquia interna. Nesse contexto de imbricamento entre discurso e instituição e de corporificação de valores e princípios, evoca-se a noção de performance, compreendida como uma autodramatização constante que se verifica na rotina do trabalho desses oficiais.

Dessa forma, o trabalho inicia com uma breve discussão sobre os usos violentos e bélicos da música e dos sons para, em seguida, compreender como esse debate se aplica à realidade do BOPE, um grupo de policiais conhecido por seu rigoroso modelo de seleção e intenso processo de formação de uma identidade coletiva baseada na agressividade e na incorruptibilidade. Em outras palavras, investigaremos a produção e a incorporação de um imaginário bélico através de cantos de guerra, palavras de ordem, gritos, marchas ritmadas ou escuta apurada de diferentes sons de combate.

Para tal, utilizaremos um corpus vasto, composto por livros e artigos acadêmicos que abordam a relação entre música, corpo e afetos e por diversos exemplos de representação midiática dos policiais do BOPE, tais como matérias jornalísticas, o livro *Elite da Tropa* e os filmes *Tropa de Elite 1 e 2*. O caráter ficcional de parte dessa amostragem não compromete sua verossimilhança nem prejudica a presente análise, que não tem pretensão de ser etnográfica. O objetivo é justamente compreender a relação material entre corpos e sonoridade como processos comunicacionais, à luz das representações, narrativas e depoimentos encontrados na mídia.

Trilha sonora de guerra

Os usos violentos, bélicos e destrutivos das músicas, sons e ruídos ainda são pouco pesquisados na academia, porém há muitos exemplos³ cientificamente relevantes envolvendo a sonoridade com o objetivo de causar dor e desconforto físico e psicológico ou como meio de repressão, dominação e abuso (FORSTER, 2008). Essas estratégias

³ “Interrogadores militares dos EUA estão usando técnicas musicais pouco ortodoxas para extrair informações de seus detentos sobre as armas de destruição em massa de líderes Ba’athistas fugitivos: uma mistura terrível de Metallica e Barney o Dinossauro. Os norte-americanos têm consciência do impacto de música heavy metal em bandidos estrangeiros. Eles tocaram Van Halen (entre outros artistas) ao ditador panamenho Manuel Noriega quando ele se refugiou na embaixada do Vaticano na Cidade do Panamá e, de forma semelhante, reproduziram músicas de altos decibéis em cavernas afegãs onde combatentes da Al-Qaeda estariam escondidos. Agora há relatos de que a combinação de hard rock e canções infantis pode deter até os mais fortes terroristas” (BERGER, s/p, 2003).

de poder são recorrentes, principalmente desde a segunda metade do século XX, e constituem formas de intimidação e controle “menos letais”. Como não geram lesões corporais ou traumas aparentes, não causam grande impacto na opinião pública e afetam menos a imagem das “forças policiais, agências de inteligência e militares”, que podem seguir destinando “esforços e investimentos expressivos no aprimoramento de formas de coerção” (FORSTER, 2008, p. 1). Goodman (2010) também endossa a percepção de que a militarização recorreu às sonoridades ao longo da história, por vezes de maneira imperceptível. Para o autor, no “novo milênio e em meio a uma fase cibernética de guerra e de máquinas culturais”, uma “guerra sônica” atua em novos “padrões de percepção, coletividade e conflitos culturais” (GOODMAN, 2010, p. 6).

Com o advento da internet e a ampliação das possibilidades de produção e alcance midiático, ficaram conhecidos diversos casos de uso de música e som em ações policiais e militares e práticas de tortura, como, por exemplo, no cerco à Noruega na Embaixada do Vaticano no Panamá (1989), no cerco a Waco (1993) e, mais recentemente, nos interrogatórios de presos no Afeganistão, Iraque e Guantánamo (FORSTER, 2008). É o que se verifica também em um estudo preliminar apresentado por Christeen (2009), que analisa vídeos postados na rede social YouTube com registros das ações das tropas estadunidenses no Iraque e no Afeganistão. O pesquisador identificou que as produções mais acessadas no site são justamente as que mesclam imagens do conflito com músicas, os chamados “clipes de guerra”. Entre esses conteúdos audiovisuais, interessamos particularmente aqueles que se enquadram na categoria *Get some*, expressão evocada pelo autor para fazer referência à saudação interna utilizada em casos de bom desempenho dos soldados ou de conquista sexual, processos distintos, mas que representam situações semelhantes de desafio e vitória através da força e da virilidade. São, portanto, vídeos que evidenciam a relação entre música e excitação, medo, poder e erotismo. Bombas, tiros, gritos, passos e demais movimentos dos corpos não são meros ruídos, mas parte intrínseca e fundamental da sonoridade desses clipes. As canções escolhidas (vinculadas ao rap e ao hip hop em sua maioria) enquadram-se em um fenômeno de corporificação das sonoridades e musicalização dos corpos. Nesse sentido, o som ambiente e as músicas se fundem na concretização dos mitos de heroísmo, bravura, lealdade e coragem, incorporados pelos soldados. Tal lógica pode ser aplicada também à guerra urbana do Rio de Janeiro e, mais especificamente, à performance dos oficiais da Tropa de Elite da Polícia Militar, constituindo, assim, uma ferramenta metodológica relevante para analisar as representações da identidade dos chamados “homens de preto”.

BOPE: a Tropa de Elite da PM do Rio de Janeiro

⁴ Tradução nossa

A criação, construção e manutenção da polícia militar no Brasil se dão em função da demanda por mecanismos de controle das massas populares para proteção das classes mais abastadas (STORANI, 2010). Sua origem está associada à fuga da família real portuguesa para o Brasil, que trouxe cerca de quinze mil nobres para uma colônia onde o trabalho escravo era a mão de obra dominante. Nesse contexto, em 1808, surgiu a Intendência Geral da Polícia da Corte e do Estado do Brasil, que, “apesar da ampla gama de suas diversas atribuições legais, na prática, atuava intensamente na repressão ao crime, na captura de escravos fugitivos, na coação de quilombos, capoeiras, etc.” (BARROS, 2013, s/p)⁴.

E é no interior dessa organização de caráter originalmente repressor que surge em 19 de janeiro de 1978 o Núcleo da Companhia de Operações Especiais da PMRJ, embrião do BOPE, que só em 1991 adquiriu seu nome atual: Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Os membros do grupo são conhecidos como “homens de preto”, por conta de sua farda diferenciada, e “caveiras”, já que o símbolo do batalhão é uma faca e um crânio representando a vitória sobre a morte. Desde o princípio, a organização foi concebida não para enfrentar os desafios de segurança pública e lidar com possíveis conflitos entre os cidadãos, mas para ser “máquina de guerra” e “invadir territórios inimigos” (BATISTA, PIMENTEL, SOARES, 2006, p. 8).

À chamada Tropa de Elite é também associado um mito de disciplina, coragem e comprometimento, o que a distingue das demais instâncias policiais locais no imaginário nacional. Na prática, o que diferencia o batalhão não são maiores salários, mas seu suposto histórico de incorruptibilidade, apesar “dos ganhos tão modestos quanto dos demais segmentos da categoria” (BATISTA, PIMENTEL, SOARES, 2006). De acordo com os autores supracitados, o que está por trás dessa ética dos homens de preto é a noção de orgulho pessoal e profissional e o respeito ao uniforme.

Antes a morte que a desonra. O processo de seleção era tão difícil e doloroso, o ritual de passagem era tão dramático, que o pertencimento passou a ser o bem mais precioso. Ser membro do BOPE, partilhar dessa identidade, converteu-se no patrimônio mais valioso. A autoestima não tem preço. Portanto, não se negocia. (BATISTA, PIMENTEL, SOARES, 2006, p. 7)

O rigoroso processo para entrar para o batalhão citado acima é o Curso de Operações Especiais, um programa de treinamento de 17 semanas, planejado e executado pela Seção de Instrução Especializada do BOPE (SIEsp). Completamente isolados, os aspirantes dormem em alojamentos coletivos e dividem seus dias de curso entre estudos teóricos, exercícios físicos e provas de resistência exaustivas, por vezes

com privação de comida e água. Segundo Storani (2010), o objetivo do programa é socializar conhecimentos e desenvolver habilidades especiais desses alunos para que possam atuar no batalhão e, na prática, prepara os candidatos para suportar uma crise permanente.

Ainda de acordo com o autor, os policiais que se submetem voluntariamente a esse rigoroso ritual o fazem por três motivos: se testar e se colocar à prova; servir ao BOPE e deixar o batalhão convencional. Nesse sentido, os alunos (conhecidos como “aspiras”) adquirem um sentimento de pertencimento ao grupo através do “desenvolvimento de valores, crenças e ideais coletivos durante o ‘sofrer e fazer juntos’” (STORANI, 2010, s/p). Neste modelo militarizado, o *ethos* guerreiro toma forma e gera uma visão de mundo própria através da interação entre os atores.

O conceito de *ethos* é aqui entendido a partir de uma perspectiva sociológica de identificação através de hábitos, valores, ética e coesão, que se materializa na prática individual e relacional cotidianas. Mais especificamente, baseamo-nos na releitura maingueneanauniana desse princípio aristotélico, conforme sintetizado por Rodrigues (2008):

uma noção que se constrói através do discurso; processo fundamentalmente interativo de influências mútuas entre orador/locutor e auditório/destinatário; noção sócio discursiva de um comportamento social que só faz sentido em uma situação de comunicação precisa, situada em uma conjuntura sócio histórica. (RODRIGUES, 2008, p. 202-203)

O treinamento do BOPE como performance

O conceito de performance é aqui compreendido como processo comunicacional, ou seja, um conjunto de ações que requer audiência e depende de uma interpretação e uma retórica gestual na qual “os movimentos do corpo – incluindo o uso da voz, dominam outros sinais comunicativos como a linguagem e a iconografia” (FRITH, 2009, p. 205). Trata-se, portanto, de “energia, comportamento, coordenação, tempo, excitação, frequência cardíaca e pressão sanguínea e autopercepção da dor e do prazer”⁵ (DE NORA, 2000, p. 76).

A relação entre a sonoridade e as materialidades do processo interacional entre policiais e aspirantes do BOPE é nítida, por exemplo, em momentos de treinamento e no curso seletivo para ingresso no Batalhão. Nessas experiências – narradas e representadas em livros, matérias jornalísticas e nos filmes *Tropa de Elite 1 e 2* – os cantos de guerra, os gritos dos veteranos, as respostas dos aspirantes em uníssono, o barulho de diferentes tipos de armas e a movimentação dos corpos compõem a paisagem sonora da simulação da guerra urbana. Tais elementos revelam-se, portanto, fundamentais para a criação de uma atmosfera de tensão e medo e para uma árdua preparação e conformação físicas e psicológicas. Em situações como essas, é

⁵ Tradução nossa

possível afirmar que os próprios corpos materializam o processo comunicativo, tornando-o vivo e móvel (FRITH, 2009).

Para melhor compreender essas ações, convém analisar algumas representações midiáticas capazes de suscitar possíveis caminhos investigativos. O programa *Profissão Repórter*, da TV Globo, exibido em 21 de dezembro de 2010, por exemplo, traz algumas cenas relevantes para a presente análise. A primeira imagem mostrada é a de aspirantes marchando de forma coreografada, com as pernas alternadamente flexionadas até a altura da cintura, cantando as palavras “homens de preto, qual é sua missão? É invadir favela e deixar corpo no chão”. Em outro trecho do programa, policiais que resistiram até o fim do processo seletivo são levados ao batalhão para serem apresentados como novos integrantes do BOPE e, então, diante dos familiares, entoam cantos de guerra, com marchas, pulos e viradas de corpo no ar – uma verdadeira dança na qual o movimento é moldado pela sonoridade dos cantos entoados. Outra etapa do treinamento mostrada pelo programa consiste em deixar os recrutas sentados no chão, ao ar livre, à noite, enquanto diversos tiros são efetuados. O objetivo é que os candidatos consigam identificar pelo som qual é a arma utilizada em cada ofensiva, bem como a distância do disparo. Assim sendo, verifica-se a relevância do afeto corporal em relação ao contexto sonoro no qual os policiais se inserem.

Já a matéria *Fenômeno popular; Bope é uma “religião” para policiais*, veiculada pelo portal R7, da Rede Record, em 15 de agosto de 2011, homens de preto podem ser vistos no batalhão entoando hinos de exaltação à bravura e retidão do BOPE. Em fila e de pé, esses policiais apresentam postura ereta, cabeças erguidas e um olhar contemplativo. Um líder à frente do grupo brada “estaremos juntos” ouvindo em resposta o coro “caveira!”. A analogia religiosa deste rito é levantada pelos próprios integrantes do grupo, entrevistados ao longo da reportagem: “o BOPE é uma religião”, afirma um deles, sem ser identificado. Percepção semelhante é evocada também no filme *Tropa de Elite*, dos diretores José Padilha e Marcos Prado (2007), sobretudo quando o narrador e personagem principal Capitão Nascimento, interpretado pelo ator Wagner Moura, diz: “Eu reconheço: para quem não é iniciado, o BOPE parece uma seita”. E o caráter explicitamente ficcional da obra não significa sua irrelevância para a pesquisa, mesmo porque, o próprio fundador do grupo, Paulo César Amêndola, afirmou na matéria supracitada que o filme é muito similar à realidade do Batalhão.

Em uma das cenas deste longa-metragem, os membros do BOPE avançam sobre os recrutas para agredi-los em uma primeira prova de resistência. É importante destacar que esse ataque começa através de gritos indiscriminados que logo se convertem em ameaças, compondo uma atmosfera de opressão e tortura, sintetizada na célebre frase do personagem Capitão Nascimento “pede pra sair” (sic). Ao aluno cabe repetir um sonoro e enfático “não senhor”, prova de sua força e capacidade de permanência no curso. Quando um dos

integrantes sucumbe e desiste, a derrota é anunciada e todos gritam em comemoração.

Em seguida, o filme mostra o grupo de alunos trotando de forma sincronizada, sacudindo seus fuzis de um lado para o outro e cantando, ao ritmo percussivo dos próprios passos:

O BOPE tem guerreiros
Que matam guerrilheiros
Com a faca entre os dentes
Esfola eles inteiros
Mata, esfola, usando sempre o seu fuzil
O BOPE tem guerreiros que acreditam no Brasil

A partir desta breve descrição das representações do BOPE em reportagens e filmes é possível identificar ainda certa musicalidade na performática comunicação entre veteranos e alunos. Os integrantes dirigem-se aos aspirantes sempre aos gritos, de forma ritmada, com sílabas pronunciadas de forma destacada. A confirmação dos mesmos deve vir em um uníssono e alto “sim, senhor”. Assim sendo, percebe-se que sonoridade não é mero detalhe: é preciso que as entonações deixem claro o reconhecimento e o respeito incondicional à hierarquia estabelecida, de maneira que a forma é tão ou mais importante do que o conteúdo dos discursos. Nas provas físicas, como corrida com obstáculos ou escaladas, por exemplo, são os gritos dos líderes que ditam o ritmo dos passos, pulos, flexões ou qualquer movimentação requisitada no cumprimento de alguma etapa do treino. De forma análoga à performance da dança, o movimento corporal é moldado pela sonoridade das vozes do instrutor ou do coro coletivo dos alunos.

Os passos, que funcionam como marcação rítmica para os cantos de guerra, são também um vetor de disciplina do corpo, colocando-o em movimento sincronizado com o restante do grupo. Os gritos, que também servem para o estabelecimento de coesão do coletivo, são fundamentais para a elevação do nível de adrenalina, contribuindo para que os policiais estejam mais alertas e propensos ao controle do medo, capazes de fornecer a resposta física requisitada diante de possíveis estímulos inesperados. Isso porque

o ritmo é uma forma de transmissão da experiência, de tal forma que esta é recriada na pessoa que a recebe não apenas como uma “abstração” ou emoção, mas como um efeito físico sobre o organismo - no sangue, na respiração, nos padrões físicos do cérebro [...]. Os movimentos da voz [...] são como cores, formas e padrões, são meios de transmissão tão poderosos que podem fazer com que nossas experiências sejam literalmente vividas por outros (WILLIAM, 1965, p. 40 apud DE NORA, 2000, p. 87).

Embora existam aspectos psíquicos e subjetivos inegáveis na formação e manutenção do *ethos* guerreiro do BOPE, o que se pretende destacar aqui é a materialidade desses processos, ou seja, a resposta

coletiva, física e corpórea aos estímulos sonoros que são, antes de tudo, meios físicos, ondas e vibrações que o corpo pode sentir, ainda que não ouça (DE NORA, 2000, p. 86). Mais uma vez, convém pensar a noção desse *ethos* a partir de Maingueneau (1984), que propõe a noção de “tom”, ou seja, um conceito, aplicável ao enunciado escrito e falado, que se apoia na “dupla figura do enunciador, a de um caráter e de uma corporalidade” (MAINGUENEAU, 1984, p. 100).

Por fim, cabe apresentar as letras dos principais gritos de guerra e palavras de ordem do BOPE⁶, tendo em vista que recursos sonoros como estes “constituem, possivelmente, o mais antigo e explícito uso de sonoridades a serviço do combate e da violência [que] subsistem ainda hoje em uma variedade de situações” (FORSTER, 2010, p. 103):

⁶ (BATISTA, PIMENTEL, SOARES, 2006)

Qual é sua missão?
É invadir favela
E deixar corpo no chão

Você sabe quem eu sou?
Sou o maldito cão de guerra
Sou treinado para matar
Mesmo que custe minha vida
A missão será cumprida
Seja ela onde for
Espalhando a violência, a morte e o terror

Sou aquele combatente
Que tem o rosto mascarado
Uma tarja negra e amarela
Que ostento em meus braços
Me faz ser incomum:
Um mensageiro da morte
Posso provar que sou forte
Isso se você viver
Eu sou herói da nação

Alegria, alegria
Sinto no meu coração
Pois já raiou um novo dia
Já vou cumprir minha missão
Vou me infiltrar numa favela
Com meu fuzil na mão
Vou combater o inimigo
Provocar destruição

Se perguntas de onde venho
E qual é minha missão
Trago a morte e o desespero
E a total destruição

Sangue frio em minhas veias
Congelou meu coração
Nós não temos sentimentos
Nem tampouco compaixão

Nós amamos os cursados⁷
E odiamos pé-de-cão

Comandos, comandos
E o que mais vocês são?
Somos apenas
Malditos cães de guerra
Somos apenas
Selvagens cães de guerra

⁷ Cursados são os membros do BOPE e pés-de-cão os policiais militares convencionais (BATISTA, PIMENTEL, SOARES, 2006).

⁸ Tradução nossa

⁹ Idem

O ato de cantar é sempre contextualizado pelo ato da performance (FRITH, 2009, p.211), de maneira que as músicas são reproduzidas em um contexto no qual o próprio corpo (individual e coletivo) é um instrumento musical e de expressão de si. Trata-se de uma fusão entre “performer” e “audiência”, já que cantar, marchar e ouvir os demais companheiros são ações simultâneas e igualmente importantes.

Em suma, princípios fundamentais para o BOPE – como o controle do medo, o cumprimento da missão e a vitória sobre a morte (simbolizada pela figura da “faca na caveira”) – são articulados de formas diversas, inclusive a partir da organização do corpo como um dispositivo articulado às sonoridades. Propicia-se, portanto, algo semelhante ao que De Nora (2000) chama de *embodied awareness* (consciência encarnada⁸), tendo em vista que as músicas de guerra atuam como “formas não propositais e não cognitivas de estabelecer orientações e expectativas para o ambiente físico⁹” (DE NORA, 2000, p.84). Isso porque, ainda segundo a autora, esse processo trata da tecnologia e do material de extensão da capacidade do corpo e não apenas um mero acompanhamento ao movimento aeróbico.

Considerações finais

A partir da perspectiva da materialidade dos processos comunicacionais e do corpo como mediador da expressão de si e da compreensão e ação no mundo, buscou-se analisar a importância da sonoridade no processo de construção e manutenção de um *ethos* guerreiro dos policiais do BOPE, forjado na disciplina corporal. Para tal, recorreu-se a um corpus diversificado, composto por representações midiáticas presentes em matérias jornalísticas, filmes e livros de ficção. O caráter explicitamente ficcional de parte dessa amostragem não foi considerado problemático, tendo em vista a verossimilhança dos mesmos, endossada por diversos policiais. Como o acesso aos treinamentos do BOPE são rigorosamente restritos, tais ferramentas foram fundamentais para viabilizar esta análise descritiva, que evidentemente não pretendeu ser etnográfica.

Buscou-se identificar como a sonoridade é utilizada em processos distintos de interiorização, reforço e incorporação dos valores e princípios do grupo, tais como o controle do medo, o cumprimento

da missão e a vitória sobre a morte. A altura e o tom da voz, a respiração ritmada, o ritmo da fala, os gritos de guerra, as canções entoadas coletivamente e os sons de tiros e de passos fazem parte de um jogo interacional no qual os corpos são mediadores da experiência relacional. A forma como os diferentes ruídos e canções parecem afetar os corpos na construção de uma identidade guerreira e na manutenção de uma coesão coletiva são fundamentais para a viabilização dessa dinâmica social rigidamente hierarquizada.

O aspirante a “homem de preto” que conseguir identificar com mais clareza o conjunto de sons que lhe afetam objetivamente (tais como os diferentes barulhos de tiro e a localização do som de passos no escuro) estará em ampla vantagem na árdua competição pelo título de “caveira”. A partir da perspectiva de que situações cotidianas são também performáticas, é possível identificar como a construção e a manutenção do *ethos* guerreiro e incorruptível desses policiais são influenciadas pela relação entre sons, músicas e respostas corporais a esses estímulos. Músicas, sons, marchas e gritos são elementos que impulsionam os corpos, provocando-os e transformando-os através de impulsos cognitivos e sinestésicos.

O presente estudo sinaliza, portanto, um exemplo relevante de como o aspecto material da comunicação interpessoal e midiática e o uso de canções e demais sonoridades com significados culturalmente estabelecidos podem também compor processos violentos e bélicos, um aspecto ainda pouco analisado na academia. Trata-se, assim, de uma pesquisa preliminar que, mais do que apresentar respostas conclusivas, busca propor e indicar questões para futuras investigações.

Referências

ADOUE, Silvia Beatriz. *Tropa de Elite e as narrativas da violência*. In: *Passages de Paris* 7 (2012) 213–222, 2012.

BARROS, Francisco Rebel. *Em defesa da desmilitarização das polícias brasileiras*. Disponível em <http://nucleofreititopsol.blogspot.com.br/2013/10/nota-do-nucleo-frei-tito-em-defesa.html>, acesso em 26 de julho de 2014, às 15h22.

BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo; SOARES, Luiz Eduardo. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006

BERGER, Julian. *Metallica is the latest interrogation tactic*. *Guardian* May 20, 2003.

CHRISTENSEN, Christian. – “*Hey Man, Nice Shot*”: *Setting the Iraq War to music on You Tube*. In: SNICKERS, Pelle; VONDEREU,

Patrick (orgs) –.The YouTube Reader. Suécia, National Library of Sweden ed. 2009 (p. 204-217)

DE NORA, Tia. *Music in everyday life*. Cambridge Univ. Pres, Cambridge, 2000

FORSTER, Susan Christina. *O Som do Mal: O Poder de Dominar*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Investigação em Musicoterapia. Faculdades Metropolitanas Unidas. São Paulo, 2008.

_____. *Música e Humilhação: Uma Visão através das Ações de Indenização por Dano Moral*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2010.

FRITH, Simon. *Performing rites: On tyhe value of popular music*. Harvard Univ. Pres, 2009.

_____. *Why Does Music Make People so Cross?* In: Nordic Journal of Music Therapy, 13(1) 2004, 64-69.

GOODMAN, Steve. *Sonic warfare: Sound, affect, and the ecology of fear*. London: The MIT Press Cambridge, 2010.

JOHNSON, Bruce, CLOONAN, Martin. *Dark side of the tune: Popular music and violence*. Londres: Ashgate Publishing, Ltd., 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 1984.

RODRIGUES, Kelen Cristina. *Em pauta o conceito de ethos: A movimentação do conceito da retórica aristotélica à sua ressignificação no campo da Análise do Discurso por Dominique Maingueneau*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 195-206, dez. 2008.

SÁ, Simone Pereira de. *Explorações da noção de materialidade da comunicação*. In: Contracampo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 10/11,2004: 31-44.

STORANI, Paulo. *A Construção da diferença: O BOPE e seus agentes nas estruturas da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*. Revista Kula. Abril de 2010.

Filmes e Vídeos

DOMINGO Espetacular. Aluno passa mal e morre durante curso de ações táticas da Polícia Militar. Rede Record, 2010. Disponível em <http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/aluno-passa-mal-e-morre-durante-curso-de-acoes-taticas-da-policia-militar-06022014>. Acesso em 27 de julho às 02h45.

JORNAL da Noite. BOPE, licença para matar. SIC TV – Portugal, 2008. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VqonkZdMZ98>. Acesso em 26 de julho às 22h17.

PROFISSÃO Repórter. BOPE. Rede Globo, 2010. Disponível em <http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/bope-parte-1/1397390/> e <http://globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/bope-parte-2/1397401/>. Acesso em 27 de julho às 23h15.

NOTÍCIAS R7. Fenômeno popular, Bope é uma “religião” para policiais. Rede Record. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <http://noticias.r7.com/videos/fenomeno-popular-bope-e-uma-religiao-para-policiais/idmedia/4e49a8c6b51aa766dfb3c20e.html>. Acesso em 20 de julho de 2014, às 15h30.

RIO de Janeiro: Segurança em jogo (Documentário). Produção: Discovery Channel e Mixer. Rio de Janeiro: Discovery Channel, 2010.

TROPA de Elite. Produção de José Padilha e Marcos Prado. Rio de Janeiro: Universal Pictures do Brasil, 2007.

TROPA de Elite 2 - O Inimigo Agora É Outro. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zazen produções, 2010.

Músicas

BAÍÁ; EGYPCIO; JONNY; LEO; PG; ROMÁN. *Tropa de Elite*. In: *Tropa de Elite* (single). Rio de Janeiro: EMI, 2000.